



Portugala Esperantisto

ÓRGÃO MENSAL DO MOVIMENTO ESPERANTISTA PORTUGUÊS

Director

MANUEL DE JESUS GARCIA

Editor

JOAQUIM COSTA

*Propriedade*DA L. E. S. NOVA VOJO E LIGA
DOS ESPERANTISTAS OCIDENTAIS*Redacção e Administração*RUA DO JARDIM DO REGEDOR, 5, 4.^o
LISBOA*Composto e Impresso*TIP. A MONTANHESA — S. PESSOA, L.^o
R. LUZ SORIANO, 71 — LISBOA**Número avulso \$50**

Em papel melhor \$75

Assinatura para Portugal e Espanha,
anual, Esc. 6800
Colônias portuguesas, anual, Esc. 7800
Outros países, francos franceses 7**E N H A V O
(SUMÁRIO)**Serenidade da razão, por Costa Júnior.
O que seria a I. K., por Mário Pedroso de Lima.

Unuiĝi por venki, de Manuel de Jesus Garcia.

La vespermango de la kardinaloj, tasta sceno, de Júlio Dantas, traduko de Jaume Grau Casas.

Prilingvaj aferoj — O acusativo de direcção, por Costa Júnior.

Iom pri ŝakludo, de Manuel de Jesus Garcia.

Mia'unklo frenezigis! de José Antunes.

Infanaro, de Lígia de Oliveira.

Panorâmica, por Afonso de Castro.

Os mortos do Esperanto — John Merchant, Robert Kreuz e Charles Richet.

O 19.º aniversário da morte de Zamenhof, festa no pôsto C. T. I. A. N.

«Rádio-Sonora».

Serenidade da razão

POR COSTA JÚNIOR

Finalmente, intelectuais em Portugal deitaram fala sobre o Esperanto! Tal e qual como outros países, apareceram detractores, e também cá como lá despertaram franca indignação no meio esperantista.

Até hoje, «Portugala Esperantisto» manteve-se estranho ao incidente. O assunto interessa certamente e, já agora, meto também a minha colherada no caso.

O Sr. Teixeira Gomes, escritor consagrado, autor de várias obras literárias de geral agrado, portanto sem necessidade de americanados reclames de sensação, fez publicar num diário vespertino da capital vários «pensamentos» — alguns inteiramente infelizes, valha a verdade.

Num dêles classificava o Esperanto de «pornografia da linguagem».

Levantou tanta e tam acesa discussão tal afirmação que... seria caso para mandarmos as amêndoas ao Sr. Teixeira Gomes — uma pequena lembrança pelo seu gratuito reclame ao Esperanto...

Respostas, ou antes, diáatribes contra o autor do «eco» em questão lemos já em *O Diabo, Vida Social e Pensamento*.

Violentos artigos, em que as convictas afirmações de fé esperantista se misturam aos agrestes termos de indignação incontida — com o seu insultozinho à mistura, de vez em quando.

Acho que não há necessidade de que nos notem falta de aprumo moral, tanto mais que, felizmente para o Esperanto, a razão está do nosso lado.

A minha opinião é que o assunto poderia ser tratado doutra maneira, quiçá mais prática. Por exemplo: poder-se-ia adquirir, por subscrição pública, uma boa gramática de Esperanto, a qual seria enviada àquele ilustre escritor acompanhada dum ofício no qual se pediria a S. Ex.^a que, a bem do seu próprio prestígio, ferido com a infeliz afirmação feita, dedicasse ao estudo do Esperanto *um quarto de hora por dia apenas durante um mês*.

O sacrifício de tempo exigido seria tam insignificante e a experiência tam concludente que me abalanco a crer que S. Ex.^a anuiria — e então, decorrido um mês, falariamos...

Porque creio firmemente que S. Ex.^a não conhece nada do Esperanto; falou sóbre él por ter ouvido falar — o que, vamos lá, é imperdoável, principalmente num intelectual.

(Segue na página 22)

Aos nossos leitores

PRILINGVAJ AFFROJ

Primeiro concurso

Em virtude de o nosso número de Fevereiro ter saído da tipografia em meados de Março, decidimos prolongar o prazo para a recepção das traduções do texto «O Amor Menino» até 30 de Abril. Muitos esperantistas queixam-se de que o texto publicado é de muito difícil tradução, ficando, por isso, a grande maioria impossibilitada de concorrer.

De facto, o trabalho apresenta algumas dificuldades, mas estamos convencidos de que, com um pouco de boa vontade, muito poderão fazer.

No entanto, tomando em consideração as reclamações recebidas, tencionamos organizar para breve um novo concurso em que todos possam tomar parte. Gostaríamos porém de receber sugestões que nos indicassem duma maneira geral qual a preferência da maioria dos nossos leitores. De acordo com ela iniciariamo-nos então o nosso segundo concurso.

Cá ficamos aguardando as vossas sugestões.

Cobrança de assinaturas

Vamos fazer seguir pelo correio os recibos de assinatura para cobrança. Agradecemos penhorados a todos os *samideanoj* que gentilmente satisfizeram o nosso pedido remetendo-nos por vale do correio o valor das suas assinaturas.

Lembramos a todos os esperantistas e simpatizantes da nossa ideia que «P. E.» só poderá manter-se com o seu auxílio, e por isso pedimos encarecidamente o obséquio de não entravarem a marcha de «P. E.» demorando ou recusando o pagamento dos recibos que lhes vamos remeter.

A nossa tiragem

Do número primeiro restam-nos somente 20 assinaturas em melhor papel ao preço anual de 9\$00. Do número segundo tirámos mais cinqüenta exemplares em papel vulgar, mas, mesmo assim, parece-nos que breve ficará esgotado. Vamos por

O ACUSATIVO DE DIRECÇÃO

POR COSTA JUNIOR

O acusativo de direcção, afinal de contas, não tem nada de transcendente. Quando dar uma explicação curta e clara, poder-se-ia dizer que o acusativo de direcção consiste apenas na supressão dumha preposição. Assim mesmo: supressão de preposição...

O acusativo de direcção só se usa, lógicamente, com preposições de lugar, as quais, como se sabe, são as seguintes:

antaü	en	sub
apud	inter	super
ce	kontraü	sur
cirkaü	post	tra
ekster	preter	trans

Estas preposições não contém sentido de direcção, ao contrário de *al* e *gis*, que são preposições de movimento; são, pois, preposições «paradés». Daí a necessidade de lhes acrescentar o sentido de movimento, o qual, não podendo ser dado por uma outra preposição, tem de ser significado sómente por intermédio do acusativo.

Vejamos alguns exemplos.

Em português dizemos: *corremos debaixo da árvore* e *corremos para debaixo da árvore*.

Traduziremos a primeira frase por *ni kuras sub la arbo*. Neste caso o movimento, a corrida, executa-se só debaixo da árvore, não há, pois, corrida para a árvore.

O sentido da segunda frase teria cabal significação assim: *ni kuras al sub la arbo*, e, suprimindo a preposição *al*, ficará *ni kuras sub la arbon*. A acção aqui executa-se na direcção da árvore e debaixo dela ou não, para cuja significação nos socorremos em português das preposições *para debaixo de*.

Este exemplo serve perfeitamente como

essa razão aumentar neste número a tiragem para 1:400 exemplares.

Este facto prova eloquientemente que o Esperanto na nossa terra não é, como muita gente julga, uma hipótese. A propósito: pedimos a todos os nossos leitores que não colecionem o jornal o favor de nos remetterem o número um a fim de podermos satisfazer os insistentes pedidos dos esperantistas que não chegaram a tempo de o poderem receber.

padrão para o uso do acusativo de direcção, porque o caso é, em geral, semelhante.

Vejam-se, para maior elucidação, os seguintes exemplos:

La hirundo flugis trans la riveron, ĉar trans la rivero sin trovis aliaj hirundoj.

Li jetis ŝtonon super la muron, sed li ne havis sufiĉe da forto kaj la ŝtono falis sur la muron.

Mi promenas en la placon.
Morgaŭ mi petos permeson veni antaŭ viun regajn okulojn.

Furioze li jetis la plumingon tra la fenestron.

En quanto que a diferença em certas orações com e sem acusativo de direcção é sensível — as frases *mi promenas en la placon* e *mi promenas en la placon* são nitidamente diferentes, como se sabe —, noutras é ínfima, como no último exemplo citado: *tra la fenestron*. Não seria até erro se em vez do acusativo usássemos o nominativo, e, dizendo *tra la fenestro*, se entenderia o mesmo que com o acusativo, por a diferença ser assaz insignificante, como se disse.

Mas nas frases *ili iris tra la urbo* e *ili iris tra la urbon* a diferença é já grande, pois a primeira frase mostra o movimento através da cidade sem o fim de a abandonar, enquanto que *ili iris tra la urbon* mostra que, atravessando a cidade, se teve em vista sair dela.

Na frase *sidigi sur benko* pode-se usar igualmente o nominativo ou o acusativo, conforme se quiser mostrar o movimento ou o começo do novo estado.

Como resultante desta teoria encontramos em *La Feino* (Zamenhof) a seguinte frase: *La malfeliĉa infano forkuris baj kaſis sin en la plej proksima arbaro*, em que a ausência do acusativo de direcção quer mostrar apenas o resultado do movimento e não a execução do próprio movimento. Isto dá-se com verbos no pretérito, quase sempre.

Em idênticas circunstâncias temos: *Mi ne pendigis mian ĉapon sur tiu ĉi arbeto; sed la vento forblovis de mia kapo la ĉapon, kaj ĝi, flingante, pendigis sur la branĉoj* (Zamenhof).

Porém, na seguinte frase notamos a existência do acusativo, pois que se pretende chamar a atenção para a execução do movimento: *mi disbiris la leteron kaj disjetis ĝiajn pecetojn en ĉiujn angulojn de la ĉambro*

PANORÂMICA

POR AFONSO DE CASTRO

Pode-se também dizer *oni metis antaū mi mangilaron*, em vez de *antaū mi*, porque aqui se pode subentender uma parte omitida: *oni metis antaū mi sur la tablon mangilaron*.

Porém, como o nominativo é sempre mais fácil de usar do que o acusativo, aconselhou Zamenhof que se use, em casos duvidosos, o nominativo, com a certeza de não fazer erro. E só em casos em que o sentido de direcção tenha de se vincar por preposição ser insuficiente é que se deve usar o acusativo.

Isto, é claro, nos casos duvidosos. Nos exemplos apontados a ausência do acusativo de direcção constitui já erro.

RESPONDEJO

"KONTRAŪ" E "ANTI"

*Qual a forma correcta como devo traduzir para Esperanto o prefixo português *anti*, que indica oposição? Por exemplo, devo dizer antireligia ou kontraūreligia?* — C. A. L. (Lisboa).

O prefixo *anti* não é esperanta e embora já tenhamos lido por vezes em algumas publicações *antireligia*, *antirevolução*, *antialkohola*, etc., achamos que o seu uso não é aconselhável. A preposição *kontraū* exprime precisamente a mesma ideia e não vemos, portanto, necessidade de introduzir no Esperanto um prefixo absolutamente supérfluo, o qual viria de certo modo diminuir a facilidade de aprendizagem da nossa harmoniosa língua. *Kontraūreligia*, *kontraūrevolução* e *kontraūalkohola* dão-nos exactamente a mesma ideia, não precisando pois de se recorrer a um elemento estranho — o pretendido novo prefixo *anti*.

Talvez que a existência de palavras começadas por esse elemento de proveniência grega, tais como *antídoto*, *antinoite*, *antipatio*, *antípodo*, *antisepso*, etc., seja a causa de se julgar que se trata de prefixo esperanta e daí aplicar-se, erradamente, a várias raízes.

Há conveniência em que todos os que se dedicam ao Esperanto o considerem exactamente como se considera uma qualquer língua viva, o francês, o inglês, o espanhol, etc. Ao começar a usar uma dessas línguas ninguém, por certo, pensa em lhe ir introduzir elementos estranhos, novos afixos ou raízes, com o pretexto do seu uso mais ou menos internacional; há que se contentar com o que está feito, usando apenas o que se usa na língua, em questão.

Pois em relação ao Esperanto deve suceder precisamente a mesma coisa, e

De uma ligeira observação sobre o que tem sido o movimento esperantista nos últimos quatro anos aquém fronteiras, uma conclusão se tira: que o seu desenvolvimento — malgrado círculo e bem contra a vontade de inúmeras pessoas — é uma realidade incontestável.

Contra o Esperanto ergueram já clamores algumas figuras pretendidamente representativas das nossas élites intelectuais; a seu favor pronunciaram-se já grandes valores do pensamento e das letras. A gente nova, em geral, dedica-lhe o seu entusiasmo. Esta é, no momento presente, a realidade do nosso país ante o problema do Esperanto, o que é, sem dúvida, duma grande vantagem para provar da sua veracidade como instrumento de novos anseios e de novas inquietações, de novas certezas e de novas conquistas.

Resta agora que a nossa tática seja eficiente. Para isso basta que nos não importemos com os ataques das pessoas de verbosidade académica e consagrações decrépitas, pois que, se tal fazem, é porque tiveram já a consciência do que vale a criação de Zamenhof — da sua potencialidade vivificadora, do seu inabatível poder de evolução.

Lembremo-nos que o Esperanto é a juventude e que a juventude representa o futuro que é a vida ao ar livre, a harmonia, a renovação permanente das concepções envelhecidas. Não percamos sequer tempo com aqueles que mal souberam acompanhar a rotação aceleradora da época, e confiantes na vitória suprema saibamos continuar sem um desfalecimento o trabalho que há uma temporada se vem desenvolvendo.

só em casos em que a necessidade de qualquer nova forma se torne imperiosa é que se deve experimentar o seu uso. Porém quando, como no caso do *anti*, já existe um elemento susceptível de nos dar a exacta expressão do pensamento, é de todo o ponto útil e aconselhável que nos limitemos a usar o que já está suficientemente experimentado. Este é o segredo do nosso incessante progresso.

COSTA JÚNIOR.

vendo com um entusiasmo crescente por vezes áspero mas sempre profícuo — admirávelmente fecundo.

Saibamos querer para sabermos realizar, até integrarmos por completo a pequena família portuguesa na grande família humana, pela cultura, pela elevação, pelo amor.

Saibamos desenvolver, como esperantistas, com sentimento eterno de fraternidade, de mútua compreensão e de mútuo desenvolvimento, cuja demonstração mais representativa deverá exprimir-se pela realização anual de acampamentos esperantistas de todo o Portugal — este pedaço de flores e de poetas admiráveis, país de tradições francamente honrosas, também de feitos sublimes, gloriosamente eternos e benditos, por séculos e séculos sem fim.

Demonstremos o que é o desenvolvimento do Esperanto em Portugal pelo número dos seus adeptos, acorrendo em massa ao «Primeiro Acampamento de Esperantistas Portugueses», que terá realização no centro do país, no próximo verão.

Que não falte um único esperantista ao «União Portugala Esperantista Libertempejo» garantindo com a sua presença a continuidade da acção desenvolvida em prol da colectividade rejuvenescida, que é o mesmo que dizer em prol da metamorfose de civilizações do nosso tempo e da nossa mentalidade moderna.

Daremos assim ao mundo a prova eloquente de que o Esperanto marcha.

Todas as pessoas que desejem informações devem dirigir-se à Comissão Organizadora do i.º P. E. L. — Apartado 19, Porto, ou à redacção deste jornal.

Excursões

A L. E. S. «Nova Vojo», de colaboração com a L. E. S. «Antaúen», organiza a 31 de Maio e a 12 de Julho excursões de confraternização esperantista, sendo a primeira a Setúbal passando por Palmela e a segunda a Belas. A inscrição para estas excursões mantém-se ainda aberta na sede das duas sociedades referidas.

LA VESPERMANĜO DE LA KARDINALOJ

(A CEIA DOS CARDEAIS)

Unuakta teatrajo—Lasta sceno

(Peça em um acto—Última cena)

DE JÚLIO DANTAS

En Romo, ĉe la Vatikano; XVIII-a jarcento.

Kardinalo de Montmorency, franco; Kardinalo Rufo, hispano;
Kardinalo Gonzaga, portugalo.*Kardinalo de Montmorency*

Vi diru, Eminenco!

Kardinalo Rufo

Respondu, Kardinal'!

Kardinalo Gonzaga

Nu, ke estas alia la am' ĉe portugal'!
 Ĝi—nek frazo subtila, nek kuraĝa duel'...
 Ĝi estas kora amo, la nia! korfidel'!...
 Ia larm'... Ia kiso... Gojanta sonoril'...
 Li kaj ŝi al la templo irantaj kun trankvil'...
 Tre simple... Ia amo, kiu rozojn ekfloras...
 kiu, malgaja, kantas... kaj, en la ĝojo, ploras!
 La amo-naiveco, la amo idealal'...
 Kiom ami vi scias, bona gent' portugala!
 Plekti kison sunbrilan, kaj jam de l' infanec'
 per ĝi kunigi amon kun ĝoja amikec',
 en ĉasta amfervoro, en paca korinklino,
 ne distingante inter fratinf' aŭ fianĉino...
 Ia ama mistero kufandanta ja ĉion,
 de l'loroj disdonanta la belan harmonion,
 kvazaŭ ĉies amsentoj estus nur unu am'...
 Inter la amoj niaj estas granda malsam'!

Kardinalo Rufo

Vi amis, Eminenco?

Kardinalo Gonzaga

Jes, amon sentis mi!

Ĉe mi certe neniu povas vivi sen ĝi,
 ne sentante ĉe l' koro—vivantan kvazaŭ flor'—
 benatan nostalzion je rido kaj je plor'!—
 Mi ankaŭ amis!—Tiam dek-kvin jarojn mi havis.
 Ŝi dek-tri. Ia amo de infanoj nin ravis
 kvazaŭ nubo helplena de aŭrora karmin'...
 Si frate min amadis per amo de kuzin'.
 Mi ne scias ĉu estis ŝi bela aŭ nebela...
 sed kia dolcesprimo kaj rigardo lumhela!

Ridante mi ŝin vokis por mia virineto...
 Tiel dolĉe ludadis kun mi l' amikineti!...
 Konatoj kaj gepatroj diris ĉiam sen fin':
 —“Por nia fil' ne estas pli bona fianĉin',
 nek estas ĉe l' vilago knabin' pli simpatia!—
 Kaj, vidante ŝin bela, mi ŝin imagis mia!
 Tre ofte, laciĝintaj de ludo kaj petol',
 ni restis rigardantaj nin kun muta parol',
 tutkovrataj de suno, kvietaj nur pro laco!
 Ŝin, tiel belan, vokis al si la Dia paco...
 kaj iun nokton nigran, malluman, mortis ŝi...
 Kial vi, mia Dio, forprenis ŝin de mi?
 Kial? kial, ho Dio?

Kardinalo de Montmorency

Eminenco!

Kardinalo Rufo

Sinjoro!

Kardinalo Gonzaga

Kial vi ne kompatis al mia junula koro?

Kardinalo Rufo

Eminenco!

Kardinalo Gonzaga

Vi certe ne vidis ke mi mortos!

Ke nenio konsolon al mi iam alportos!

Mi mortas...

Kardinalo de Montmorency

Eminenco...

Kardinalo Gonzaga

Vi scias pri l' fatal':
 nur ŝi, l' angel' mortinta, min faris Kardinal'!
 Kaj nun mi servas Dion vokintan ŝin al si...

Kardinalo Rufo(Al Kardinalo de Montmorency, forviĝante larmon, dum sonoras
dek-unu horoj en la Vatikano.)

El ni tri, la unika aminto estas li!

El «Iberia Esperantista Revuo».
Trad. JAUME GRAU CASAS.

IOM PRI ŠAKLUDO

(Sekvo de pago 24-a)

La nuntempa ĉampiono naskigis en Amsterdamo, estas 34-jaraĝa kaj doktoro pri fizikaj kaj matematikaj sciencoj.

Antaŭ ol fini miajn artikolon pri ŝako kaj transdoni al alia k-do pli kompetenta la taskon paroli al vi pri la teorio de la ludo, mi volas diri ion pri la personoj

famaj aŭ kleraj kiuj sin interesis pri la ŝakludo.

Inter aliaj mi nur diras la sekvantajn nomojn: la reĝo Karlo Magno, la imperiestro Tamerlano, la regoj svedaj Gustavo Adolfo kaj Karlo la XII-a, Voltaire, Jean Jacques Rousseau, Leibnitz, S-rino Seigné, Napoleono la I-a.

Nuntempe en multaj landoj estas ŝa-

kokluboj kaj multaj gazetoj pri la ludo estas eldonataj. En Lisbono estas ŝakklubo kiu sidas ĉe la Geografia Societo de Lisbono.

Baldaa en «Nova Vojo» okazos la unuskonkurso, kaj ŝajnas al mi pro la kvanto de leteroj ricevitaj de esperantistoj ke baldaa la ŝakludo estos la ĉefa tempopasigilo en niaj rondoj. Pro tio «P. E.» rezervos angulon por la ŝakaferoj.

OS MORTOS DO ESPERANTO

John Merchant

Com 63 anos faleceu no dia 9 de Janeiro, em Sheffield, o samideano John Merchant.

Durante 14 anos foi presidente da Sheffield Esperanta Societo e em 1921 presidente da Esperantista Federacio de Yorkshire. De 1928 a 1933 presidiu aos trabalhos da Internacia Centra Komitato de la Esperanta Movado.

Colaborou em vários jornais esperantistas, no *The Sheffield Telegraph* e no *The Sheffield Weekly Telegraph*. Escreveu duas novelas intituladas: *Tri angloj atilande*, que atingiu algumas edições, e *Kompatinda Klem*.

Em 1923 colaborou com samideanino L. Briggs na obra *Jozefo Rhodes kaj la fruaj tagoj de Esperanto en Anglujo*.

Trabalhador incansável e fervoroso, deixa pois uma vasta obra de propaganda, quer através dos seus escritos, quer pelo esforço que dispendeu durante muitos anos nas organizações esperantistas.

Robert Kreuz

O movimento esperantista internacional acaba de perder na pessoa de Robert Kreuz, falecido em Genebra poucas semanas depois de Merchant, um dos seus maiores vultos.

Tendo nascido em 1894, tornou-se esperantista as 14 anos e desde então dedicou-se fervorosamente à propaganda do idioma internacional.

Foi amigo íntimo de L. L. Zamenhof e escreveu inúmeras obras didácticas de Esperanto. Durante algum tempo pertenceu à redacção do *Esperanto Triumfonta* (hoje *Heroldo de Esperanto*) e de 1925 a 1930 ocupou o lugar de secretário geral da Internacia Centra Komitato, tendo depois passado a director. Fez parte da Lingva Komitato e secretariou todos os congressos da U. E. A. desde 1909 e era actualmente presidente desta associação.

Devido aos seus esforços algumas feiras internacionais adoptaram o Esperanto na sua propaganda.

Eis pois um nome que deve ficar na memória dos esperantistas como preito de homenagem a quem tam devotadamente se dedicou à propaganda do Esperanto.

Charles Richet

Também faleceu há pouco tempo, com a idade de 85 anos, este conhecido homem de ciência, que devido aos seus numerosos trabalhos de investigação, quer como so-

O que seria a I. K.

POR MÁRIO PEDROSO DE LIMA

Do que segue não se deve inferir que tenho a pretensão de estabelecer as bases a que obedecerá o funcionamento da Interrilata Komitato, pois não passa de leves considerações sobre o assunto, considerações que, sim, poderão servir para trabalho futuro, apesar de não constituir novidade.

O que é necessário, antes do mais, é esclarecer os esperantistas sobre a organização e funcionamento de tal organismo, para que não possam ver nelé qualquer alienação da soberania das respectivas coletividades ou coisa semelhante.

Para a constituição da I. K. a marcha a seguir seria a de nomear um delegado por cada sociedade esperantista ou um delegado por cada determinada quantidade de esperantistas; isto é, representação corporativa ou representação proporcional. Claro que o segundo caso é o mais aconselhável, por ser o mais racional e equitativo, mas também deve ser o mais difícil de conseguir em virtude da oposição que, certamente, os grupos mais pequenos lhe fariam. E, assim, ficar-nos-ia a primeira solução! Um representante por cada sociedade esperantista, podendo neste caso fixar-se um limite mínimo de associados por cada grupo representado; quanto aos outros, se os houvesse, unir-se-iam até perfazer o número requerido, devendo para esse efeito abrir-se o respectivo parágrafo.

No primeiro caso, sem dúvida o mais viável, cada sociedade nomearia um delegado; no segundo, que não é o mais viável mas é o mais perfeito, cada sociedade poderia nomear um delegado por cada grupo de x sócios que tivesse. Esclarecemos!

Este último caso não teria ano-

ciólogo e historiador, quer como fisiólogo, se notabilizou e obteve em 1913 o prémio Nobel. Como cientista e idealista amou sempre as belas concepções do ideal humano. Não raras vezes encontramos espalhados em jornais esperantistas brilhantes referências ao Esperanto subscritas por este ilustre sábio.

malias como esta que passamos a expor: Suponhamos que há três sociedades esperantistas que têm, uma trinta sócios, outra quarenta e outra setenta.

Portanto: 3 sociedades — 140 sócios — 3 delegados.

Há outra que tem 250 sócios e nomeia um delegado. Temos, pois: 1 sociedade — 250 sócios — 1 delegado.

Vê-se, portanto, por uma simples apreciação, que haveria 140 esperantistas representados por 3 delegados ao mesmo tempo que os 250 teriam a representá-los somente um...

*
Havendo, pois, em Portugal (ou em Lisboa, se o caso se aplicasse à capital) x sociedades esperantistas, representadas por um número de delegados a determinar, estes nomeariam uma espécie de comissão executiva (cujo mandato, também a determinar, poderia ser de um ano), a qual seria a «Interrilata Komitato».

Quais seriam as funções e atribuições dessa comissão? Tentemos enumerá-las:

— Unificar e aperfeiçoar os métodos de ensino;

— Preparar os quadros de instrutores, os quais poderiam servir em qualquer sociedade;

— Centralizar e desenvolver os serviços de propaganda;

— Relacionar as sociedades esperantistas nacionais entre si ou com as estrangeiras e os esperantistas isolados;

— Organizar passeios, excursões, visitas de estudo, palestras e concursos literários;

— Manter correspondência com os organismos centrais estrangeiros, perante os quais deveria representar o movimento esperantista português (no caso de se tratar da organização de todo o país) ou de Lisboa.

*
Fundos? Segundo o critério que se adoptasse, seriam fornecidos pelas sociedades esperantistas proporcionalmente ao seu número de associados ou em partes iguais, e até por esta razão seria aconselhável o sistema proporcional.

(Segue na página 22)

O 19.^o aniversário da morte de Zamenhof

Os nossos samideanos Alvaro de Azevedo Couto, Severo Portela, Cortês dos Santos, João Bernardino e Abílio Cortês dos Santos promovem a 19 de Abril uma grandiosa festa, comemorando a passagem do 19.^o aniversário da morte da imortal figura de Ludoviko Lázaro Zamenhof no C. T. I. A. N. «Rádio Sonora» de Lisboa, gentilmente cedido pelo seu ilustre proprietário, Sr. Lacombe Neves. Estes nossos camaradas têm já elaborado o programa da festa que é selecto e consequentemente prometedor. Vamos dar na íntegra a sua constituição:

- a) La Espero, entoado por um orfeão coadjuvado pelo «Jazz Setas Vermelhas».
- b) A obra de Zamenhof, por Alvaro de Azevedo Couto;
- c) Soneto de Antero, tradução de Irmundo Barros, por João Bernardino;
- d) Trechos musicais de canções esperantistas;
- e) O momento esperantista, por Cortês dos Santos;

f) Samideana trinkkanto, pelo orfeão;

g) La kavaliroj de la verda stelo, por Adolfo Trémouille;

h) Rapsódia polaca, ao piano, pelo Dr. Salema de Andrade;

i) Uma lição de esperanto, por Adolfo Trémouille e Mário Pessoa;

j) Nia kanto, solo de mandola com acompanhamento de piano;

k) Oh! mia kor', de Zamenhof, por Luiz Teodoro;

l) Algumas palavras em esperanto, por Manuel de Jesus Garcia;

m) Odo al la paco, de Joaquim Cases Garbó, recitado por C. S.

n) Zamenhof e a Paz, prosa ritmada pelo Dr. Severo Portela, música de Volgaj Barktiristoj, interpretada em violino por Manuel Varela.

Chamamos a atenção de todos os nossos samideanos para esta festa esperantista a efectuar às 22 horas do dia 19 na «Rádio Sonora», espetáculo único que decerto a todos surpreenderá.

Selos de propaganda

O ESPERANTO
LÍNGUA INTERNACIONAL AUXILIAR
Impressos a verde,
gomados e picotados



Cada folha
de 30 selos \$60

Em encomendas de 10 ou mais
folhas, 20 por cento de desconto

Pedidos acompanhados da importância e
mais \$15 a

António Ramalho

Rua da Sociedade Farmacêutica, 25, cave, esq.

LISBOA

A Administração do «P. E.» remete à cobrança o Curso Primário de Esperanto de Adolfo Trémouille — Esc. 3\$50, e o Dicionário português-esperanto Esc. 40\$00

INFANARO

DE LÍGIA DE OLIVEIRA

Infanaro, vorto tre profunda kaj grava!

Dirante ĝin laute, ĝi ŝajnas al mi
granda maro kaj varma suno kiu varmigas
mondon.

Dirante ĝin mallaŭte, tuj mi vidas
centojn da okuloj, kiuj demandas ĉiam,
gaje aŭ dolore, pri la vivo.

Ankaŭ mi ekvidas rozajn bušetojn pe-
tantajn ĉion kaj ĉion dezirantajn.

Baldaŭ tiuj-ĉi bušetoj parolos kaj la
okuloj observos.

Ĉu ili bone parolos, bone observos?

Tio dependas de la heredeco, medio
kaj speciale de la edukado.

Eduki bone kaj semi metode, estas la
vojo per kiuj ni povos, klare kaj logike,
perfektigi la homan konsciencon. Tiel ni
povos sanigi, korpe kaj spirite, la infan-
ron kaj helpi la progresan marŝadon de la
Homaro!

La edukado de la infanaro ĉe la esper-
anta movado estas tre utila, ĉar Esperanto
donas al infanoj la harmonion kiun
ili necesas enhavi por esti pli bone edu-
kitaj.

Poste estos konsole ĉeestri trankvile
ĉe la germiga ekkonsciigo de la nova
generacio.

Malrapide kaj vere ni marĝos antaŭen
per la edukado, por atingi nian justan ce-
lon, ĉar: «eĉ guto-malgranda, konstante
frapante, traboras la monton granitan».

serão resolvidas e dados com a me-
lhore vontade.

Fica, agora, entregue ás socie-
dades esperantistas e ao seu jornal a
consecução de tam bela obra, pe-
rante a qual ningném, dentro da fa-
mília esperantista, tem o direito
— na minha opinião — de levantar o
obstáculo da sua discordância ou,
sequer, da sua indiferença.

O que seria a I. K.

(Continuado da página 22)

Lancada a idea no segundo nú-
mero do «P. E.», suponho que ficou
suficientemente esclarecida nesta ex-
posição.

Porém, qualquer dúvida que
possa haver ou qualquer esclareci-
mento que se torne necessário dar,

SERENIDADE DA RAZÃO

(Continuado da página 17)

Mas não afirmou há anos atrás Ferreira de Castro, num artigo de fundo de *O Século*, que o Esperanto «se baseava sobretudo no italiano?»

Mesmo nos grandes espíritos há destas falhas, que nós, míseros e rasteiros viventes, não devemos criticar com severidade.

Sob pena de tombarmos no mais lastimável ridículo...

* * *

A nossa tolerância ante adversários do Esperanto, por mais mal intencionados que êles sejam — e não é dêste caso de que acabo de tratar levemente —, não é parvo espírito de sacrifício; basta que nos lembremos que mais acerbas críticas e mais envenenados epigramas foram dirigidos a Zamenhof, o homem que legou à humanidade essa obra prima: o Esperanto. E só devido à sua tolerância ilimitada e à sua comprovada persistência devemos o possuí-la.

Sejamos, como êle, persistentes na nossa propaganda; mas imitemo-lo, também, na tolerância demonstrada. Com tal procedimento a nossa causa nada perderá, bem pelo contrário.

MIA ONKLO FRENEZIĜIS!

(Senintenca rakonteto)

DE JOSÉ ANTUNES

Kiam mia avo formortis—vigla okdeğulo, ĉiam kuranta post glaso da bona vino kaj ankorata okulsignanta al belaj virinoj—lia butiko por la vendado de tranĉiloj kaj aliaj ŝtalaj tranĉoj kaj traboroj objektoj kaj la apuda uzino por akrigo kaj riparigo de tiuj timigaj komercaĵoj evidente prosperis.

En la tuta urbo neniu alia komercisto sukcesis en tia fako: la butiko de Paŭlo la maljunulo—kiel oni konis lin—estis fama, eble pro sia antikveco. Jam la avo de l' hodiaŭa klientaro tie aĉetis la tranĉiletojn per kiuj ili, en lernejo, akrigis la krajonon, kiam la profesoro anoncis, ke li estas diktonita skribadon... Estis tute simile, kiel en Portugalio, koncerne la karbovendistojn: atili estas el Galizio (hispana provinco) atili la komerco bankrotas. En X... estis do same: nur Paŭlon la maljunan oni konsentas, kiel akrigiston!

Pro tio ne estas miriga fakteto, ke la enterigo aspektis nacia funebro: la tuta urbanaro tien alkuris, dece vestita, la plimulto kun nigraj vestoj kaj funebra-mieno.

La buĉisto multnombran ĉeestis kun siaj largaj vizagoj, sangoplenaj, ruĝegaj, preskaŭ eksplodontaj kaj—de pozo al pozo de illaj vestoj—oraj ĉenoj de kiuj pendis ora boveto ĉizita. Grandnombre, ankaŭ la servistinoj akompanis la mortajn restaĵojn: tiu Paŭlo la maljuna faciligis ilian taskon kaj dank'al li oni tranĉis pli rapide, ĉula gorgo de kokino kuiriota, ĉu la ligno por la fajrejo. Knaboj kuriozaj, virinoj senlaboraj, viroj kaptantaj per la haroj pretekston por ne labori duontagon, multaj kamaradoj de l' glaso, vinamantoj,—kiuj postiris la riĉan kverklignan ĉerkon, kiuj silente marŝadis.

Iom apartiginte, aro da suspektaj vizagoj, ŝanceligemaj korpoj, videble majordemaj individuoj—cigaredo post la orelo, manoj ĝisfunde en la pozoj, kraĉantaj tra l'angulo de la bušo kaj okulangule rigardantaj—, estis respektinda nombro da malrespektindaj individuoj. Tie estis de la famkonata mortigisto ĝis la ridinda malordemulo, kiu pro io ajn—eĉ por sin defendi de pulo—, elpoſigas la tranĉilon tiel rapide, kiel alilandaj viroj sin preparas por pugnbatalo. Tiu danĝera klaso estis akurata kliento de Paŭlo la maljunulo: ĝi pagis tiumomente dankecan ŝuldon tiel honeste, kiel ĝi pagis ĉiujn menditaj komercaĵojn de l' plorata komercisto. Oni eĉ murmuris en la urbo, ke Paŭlo la maljunulo kapricis liveri la plej bonajn tranĉi-

lojn el Toledo ŝtalo al tiu ofta kaj profitdona klientaro. Ĉu vere aŭ ne—Paŭlo prosperis.

Tiel mia avo dolĉigis per heredo enviinda la larmojn de mia onklo Arturo

*

Mia onklo jam estis plenaĝulo, tamen—tute kontraŭe al patro—anemia, pala, malforta viro kaj, certe pro la malriĉeco de l' sangaj globetoj—songema, kapricema kaj tre malema al ĉio kio postulis penon... Li restis do konfuzigita, kiam oni lin komunikis, ke ĉio apartenas al li: la butiko, la maſinoj de l'uzino, la enhavo de l' hejmo kaj la mondedonoj ĉe la Banco! Sed li agis kiel dormemulo, kiu oni vekigas por lin diri sensacian: li malfermis la okulojn dum oni alparolis lin; poste, rapidmove, turnis sin kaj daŭrigis dormi—tiuokaze revi.

La komerca maſino estis delonge munrita kaj pro tio ĉiuj siaj partoj funkciis senskue, feliĉe. Arturo do okupis sin per la rikolto de la mono enkasigita kaj la pago de salajroj kaj bezonataj materialoj. Tamen tiu teda unutoneco ne povus daŭri eterne. Unue, ĉar la vivo konstante alportas novaĵojn, kiuj demandas nian atenton; alie, ĉar mia onklo Arturo ne kapablis vivi sen, per enuiga ordono, haltigi la regulecon de l' maſino, kiu li subite heredis.

Alvenis la tago, kiam mia onklo imagis aliformigon de sia komerca vivo. Arturo aspektis momente viro: li forsensis laboristojn, aktivigis la ricevon de forgesitaj malnovaj fakturoj kaj pentrigis la tutan butikon, kies eksteran kaj internan aspekton li pretendis ŝangi. Post tia ega peno, li decidis ripozu. Sed vane.

La novaj dungitoj ne scis labori; la klientoj minacis ne pagi la fakturojn, kuitimitaj pagi laŭvole; por la pentrado estis necese akiri permeson de komunuma oficejo kaj ĝin demandi per petoskribo sur sigelita papero, sursigni sur 2\$50 centava sigelo kaj certigi la subskribon per notaria atesto. Krom tio, estis necese opinii pri la aplikotaj kolorigiloj, pri la ordigo nova de l' eksposicittaj komercaĵoj—unu vorte, li estis devigata esti akurate en la butiko, estri voje nevole sian komeron.

La unua tago la tasko ŝajnis agrabla. Mia onklo agis tiom orde, korekte, sage. Sed, rapide li lacigis: li ne estis homo kapabla ripeti senĉese ĉiujn tagojn

la samajn agojn kun la sama agrabla mieno, tiel necesa por altiri la klientaron.

Jam la klientoj ekmurmuris. La laboristoj siavice perdis la amon al la mastro: ĉiuj laboroj estis difektaj kun miro de l' malnovaj klientoj. Venis plendoj, oni forsendis laboristojn, oni dungis pli malbonajn. Eĉ kliento rakontis al mia onklo, ambaŭ furiozaj, ke kiam li mantenis tranĉeton por puni malamikon, al kiu li promesis pagon de liaj sercoj—la klingo falis subite kaj li estis honte devigita forkuri.

Katastrofo!

Super ĉio, la krizo farigis la plej akutranata kliento: tie ĝi akrigis siajn abomenajn ungegojn, kiu ĝi, kun prefero neflattinda, uzis por dispecigi la profitojn de mia terurigita onklo.

Oni publikigis anoncojn sur la jurnaloj, vane—ĉar la butiko estis tre konata. Oni malhaltigis la prezojn, rapidigante la bankroton, ĉar la nombro da klientoj, malgraŭ ĉio, malpliigis. Oni uzis fine ĉiujn konatajn rimedojn por haltigi la marŝon al ruinigo. Sed—ĉio vana!

Sed mia onklo, subite agema, ne cedis: li persistis kontraŭstaris la malfeliĉon. Li vizitis persone la plej gravajn klientojn—kaj per tio li enuigis tiujn klientojn. Surstrate, li montris al pasantoj siajn tranĉilojn, hakilojn kaj ĉiuspecajn piki-lojn, ĝojigante la knabaron, kiu jam persekutis lin. Lastatempe li kunportis benkon kaj, en stratoj kaj placoj plej populigitaj, li suprenstaris sur ĝi kaj per laŭtaj krioj alvokis la atenton de ĉiuj pri kvalitoj kaj prezoj de l' artikloj de sia butiko.

— Ĉu Arturo malsagigis?

Jen la demando ĝenerala. Kelkaj plendoj tralis l' autoritatojn. La policistaro ekrigardis la aferon kaj eksekvis la paſojn de mia bedaŭrinda onklo.

Unu tagon, mia onklo estis arestita. Li surgluis sur la murojn eksterajn de la butiko larĝan afiſon. Sur ĝi estis skribite per grandaj literoj:

Preferu miajn komercaĵojn! La plej bonaj! La nuraj sukcesoj! Tion atestas la krimo de Georgo, kiu sukcesis elkapigi per tranĉilego—aĉetita en mia butiko!—tri personojn: nutristino vere grasa, juĝisto malgrasa sed dikhaŭta kaj policisto nerazita!

En la malsanulejo li okupigas tutan tagon akrigi imagan glavon...

Grande excursão de propaganda e turismo a Leiria com o itinerário seguinte:

Lisboa - Bombarral - Obidos - Caldas da Rainha-Alcobaça-Batalha-Leiria-Nazaré-S. Martinho do Porto. — Almôço em Leiria-Jantar nas Caldas.

13 de Setembro — Organizada pela L. E. S. «Nova Vojo». Inscrição aberta.

★ Portugala Esperantisto

Monata organo de la portugala esperantista movado

Direktoro

MANUEL DE JESUS GARCIA

Redakcio k. Administracio

RUA JARDIM DO REGEDOR
5, 4.^o-LISBONO / PORTUGALIO

Jarabono

FRANCAJ FRANKOJ, 7

Oni sendu monon per respondkuponon
aŭ postmandato

UNUIĜI POR VENKI

DE MANUEL DE JESUS GARCIA

Analizante la vivon esperantistan en nia lando, mi rimarkas fortan emon al disigo, kiu sin enradikigis de antaŭ multaj jaroj en nia movado. Aliaj tendenco kiel apatio kaj individuismo ĉeestas en esp-rondoj por plinigrigi la bildon de nia movado, kion mi havas antaŭ miaj okuloj.

Ne estas mia deziro kritiki la nunajn gvidantojn, kiuj sindoneme laboregis kaj elkorke subtenas la aktualajn esp-societojn. Tute ne! Mi ne ŝatas la rolon de kritikisto, kiu preskaŭ ĉiam jugas aferojn tute ne konatajn de si. Kritiki estas kelkfoje eleganta maniero detru i per vortoj aliesagadon kaj beligi per pavona plumaro. Tion mi ne celas.

La laborado de miaj kunagantoj indas mian admiriron kaj estas por mi netuſebla. Sed super tiu-ĉi primitiva morala devo ŝvebas alia pli altebla nepre necesa al plibonigo de niaj metodoj, al renovigo de niaj ideoj, unuvorte al perfekteco de nia maſinaro.

Gi estas la nuda kvankam kruela elmontro de tiuj inklinoj, kiuj sisteme puſas nian movadon al kaoso kaj al ruino. Do, ĉiesan devon mi plenumas. Sed duone mi lasus mian taskon se mi montrus nur la makulojn forgesante la rimedojn, se mi detruis, nenion konstruante.

Pro tio, kontraŭ ĉiu malsano mi proponos kuracilon: Tasko malfacila, kiu altiras sur min pli da malamikoj, ol da amikoj. Tamen ju pli mi surpaſas la vojon esperantistan des pli mi kredas je la devo luktii kontraŭ ĉiuj bariloj kiuj staras antaŭ la movado kaj malhelpas ĝian marŝadon. Same ĉiuj esperantistoj sentas preskaŭ instinkte kiam okazas io, kiu flanke aŭ fronte atakas la movadon. Al ĉi lastaj mi petas atenton kaj al plej kuragaj el ili mi nur konsilas: konstatu kaj agu konsekvence!

Kial la disigemo en la portugala esperantista tendaro?

Car en niaj rondoj ni agas same kiel katoj. Ni amas pli la sidejon de esp-societo ol la ideon esperantistan. Pro tio unuigo de la movado estas en tiu momento neebla. Kaj unuigo rekte rilatas al plifortigo!

Car niaj propriaj vidpunktoj ŝtonigis, kaj por tiuj de la aliaj estas nek okuloj por lin vidi nek oreloj por lin aŭdi. Kaj kiam en esp-societo ni volas defendi individuan koncepton ni batalas ja societon, ni batalas kontraŭ esperantismo, kontraŭ ĉiuj. Se ni venkas nia memamo fierigas; kiam ni malvenkas, ni deflugas de la societo kaj tiam konstruas novan neston. Problemo facile solvit, kvazaŭ la nestado vigligus nian movadon.

Car ĉiu el ni sentas sin ofte gvidanto kaj mankas societoj por gvidi.

Car la ideon pri disvastigo de esperanto ni vidas tra diverskoloraj okulvitroj.

Car pli facile estas ruze konfuzigi la aliajn per frazoj subtilaj, per vortoj belsonaj, ol peni por akiri dum nia senĉesa laborado lokon pli altan favore al la movado.

Car ni agas latu nia memvolonto, latu niaj meminteresoj, kaj neniam latu la generala interesoj de esperanto.

Car apatio regas sur la plimulto kaj tiemaniere kiam la movado iras tien aŭ alien ĉiuj okulfermito konsentas.

La rakonteto, kiun vi legis, ne estas la vera historio pri la deveno de la ludo. Sed ĝi estas tre interesa kaj ni povas legi ĝin en preskaŭ ĉiuj ŝakkompendioj.

Inter la IX^a kaj X^a jarcentoj la ludo estis enkondukitaj en Eŭropo pere de la arboj, kvankam laŭ kelkaj verkistoj Rusio ricevis ĝin rekte de Persio kaj Hindio. La plej antikva kompendio kiun oni konas estis verkita de Portugalio Damião de Goa kaj aperis je la fino de la XV^a jarcento. De tiu tempo ĝis nun multaj libroj estis verkitaj en preskaŭ ĉiuj lingvoj. En Esperanto mi ne scias ĉu io pri la afero ekzistas.

La ludo aktuala estas iom diferenca de la «Caturanga». Oni povas dividiti ĝian evoluon je tri periodoj.

La periodo de «Caturanga» ĝis la VI^a jarcento. La ĉefa karakterizaĵo de ĉi epoko estas ke la ŝako estis ludita per kvar personoj kiu per ludkubo decidis kian figuron devus esti ludita. La damo estis nomita «Fiertz» kaj ĝia movo estis po unu kvadrateto diagonale. La turo estis nomita «rokh» kaj nur la ĉevaloj maršis same kiel nun. La peonoj prenis antaŭen kaj ne diagonale kiel hodiaŭ.

La dua periodo aŭ de «Sohah tranjdaŭris ĝis la XVI^a jarcento kaj estas karakterizita pro la jeno: Jam oni ne decidis per la hazardo kian figuron oni ludos kaj anstataŭ kvar personoj nur du ludantoj interbalis.

La tria periodo aŭ aktuala komenciĝis je la XVI^a jarcento. Gravaj ŝanĝoj okazis en la ludregulero. Plilongigis la irado de la damo kaj de la kuranto kaj oni ekuzis la arokon.

Nur post la eldono de la «Analizo de la Ŝakludo» verkita de la famekonata franca ŝakludanto Philidor, science firmeigis la regulareo de la ludo. Tiemaniere la Ŝakludo disvastiĝis kie en Londono en la jaro 1851 okazis la unua internacia ŝak-konkurado. La venkinto estis la germana Anderssen. De tiam ĝis nun la ĉampionoj estas: Paul Morphi (1858), W. Steinitz (1866), Emanuel Lasker (1894), Kapablanka, Aleksandro Alekhine (1927) kaj D-ro Max Euwe (1935).

(Sekvo en paĝo 20-a)

Rimedoj: Reeduiki per disciplino niajn tendencojn latu la superaj interesoj de la movado; inspiri al novaj esperantistoj la konceptojn pri maſamo al skismoj, pri batalado kontraŭ individuismo, pri kunigado de ĉiuj ni al sama celo—denonci kaj kontraŭstarri. Ĉiuspecaj deflankiroj de nia justa celo: unuigo por venki!